

# Ironia em Orgulho e Preconceito

## Autores

---

Fatima Ines Sonego

## 1. Introdução

---

Jane Austen (1775 – 1817) nasceu no condado de Hampshire e faleceu em Winchester, na Inglaterra. Sétima filha de um pastor rural, a escritora foi educada em casa e, assim como sua irmã mais velha, Cassandra, não frequentou o ambiente escolar regularmente.

A leitura de obras a partir de diversos gêneros literários e de diferentes autores era um hábito comum entre os membros da família de Jane Austen. Tal fato motivou a autora a produzir seus próprios textos, os quais circulavam pela sua própria família, iniciando desse modo, o desenvolvimento de sua carreira como uma escritora profissional. Influenciada pelo ambiente rural, pelos costumes da época, pela complexidade das relações interpessoais, pela vida cotidiana e pelos aspectos da classe social das pessoas que faziam parte de sua vida real, Jane Austen reflete tais características em seus romances de uma forma talentosamente crítica e irônica, tornando-a, assim, conhecida até os dias de hoje. Esta brilhante escritora é aclamada não somente pela crítica que faz à sociedade inglesa do início do século XIX, mas por adotar “diferentes técnicas narrativas [que vão] desde o narrador onisciente até o comentário direto da autora, passando por diálogos dramáticos, descrições minuciosas e pelo discurso indireto livre”. (LAURA ALVES, 1997, p. 11).

“É verdade universalmente admitida que um homem solteiro, possuidor de boa fortuna, deve estar precisando de uma esposa”. (JANE AUSTEN, 1997b, p. 19). Essa famosa frase de abertura do livro *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen indica o tom irônico que a autora usará durante todo o romance. A ironia é uma das características mais importantes de Austen e ela faz uso de tal recurso para criticar a sua sociedade contemporânea. Através da narrativa, além da ironia, outros aspectos da obra são ressaltados, tais como, o senso de humor que permeia as descrições no romance, comentários ou atitudes das personagens e a constante preocupação com o bom senso, a conveniência e a moralidade. Por esta razão, para uma melhor interpretação do mundo que Jane Austen retrata, é fundamental entender o funcionamento deste recurso.

No essencial, entender o uso da ironia na obra de Jane Austen não é uma tarefa fácil, porque ela se apresenta de uma maneira sutil e delicada e, para a discussão e análise do material serão utilizados os pressupostos teóricos de Wayne Booth e D. C. Muecke. A definição de ironia não pode ser reduzida apenas ao seu antigo conceito de “dizer uma coisa significando outra”.<sup>[1]</sup> (MARTA MATEO, 1995, p. 171-172). Ironia é algo mais complexo, mesmo porque existem vários tipos de ironia, tais como, ironia verbal, dramática, de situação, entre outras. De acordo com Mateo (1995, p. 172), “ironia depende do contexto desde que resulte da relação de uma palavra, expressão ou ação com todo o texto ou situação”.<sup>[2]</sup> A exemplo disso, no primeiro capítulo da obra *Orgulho e Preconceito*, ao contrastarmos a frase de abertura acima citada com a frase que revela a preocupação da personagem Sra. Bennet, mãe da personagem principal, com um rápido e próspero casamento para suas filhas, como aponta o narrador ao dizer que “[a] maior preocupação da sua vida era casar as filhas; seu consolo era fazer visitas e saber das novidades”<sup>[3]</sup>, fica evidente que a ironia está empregada não somente nas palavras, mas no próprio contexto da história ou enredo. (JANE AUSTEN, 1997b, p. 21). Dessa maneira, Jane Austen ressalta sua crítica ao casamento por conveniência e o faz de forma irônica e cômica.

Consequentemente, durante o decorrer do romance, a autora faz com que a voz irônica de sua personagem principal Elizabeth Bennet, através de um mecanismo de controle do ponto de vista do leitor, provoque o significativo efeito de direcionar tal olhar a um ponto ou característica específica da história, sobre o qual a autora queira evidenciar uma determinada falha da sociedade. Portanto, é possível dizer que as técnicas de Jane Austen produzem um resultado singular através do qual *Orgulho e Preconceito* exige, do começo ao fim, uma leitura atenciosa guiando seu leitor, de forma sutil, a perceber os objetivos dessa brilhante autora.

---

[1] No original: “saying one thing and meaning another”.

[2] No original: “irony depends on context since it springs from the relationships of a word, expression or action with the whole text or situation”.

[3] No original: “The business of her life was to get her daughter married; its solace was visiting and news”.

## 2. Objetivos

---

O objetivo deste estudo é o de examinar e discutir a função da ironia na obra literária de Jane Austen, *Orgulho e Preconceito*. Para tanto, será necessário, em primeiro lugar, realizarmos o levantamento e a análise dos dados de situações irônicas encontradas no romance. Em seguida, faremos um estudo a respeito dos diferentes conceitos de ironia de acordo com as teorias de Muecke, Booth e outros autores, e a leitura de alguns dos principais textos críticos sobre ironia em *Orgulho e Preconceito*.

Considerada a escritora que criou o romance moderno, as obras literárias de Jane Austen ainda são um desafio aos críticos literários e, para entender a complexidade de *Orgulho e Preconceito*, este estudo propõe discutir a visão irônica que a autora utiliza para criticar a vida social e os costumes de sua época. Assim, não entender este recurso impede o leitor de alcançar o significado mais profundo do romance, prendendo-se apenas a uma leitura superficial da obra.

## 3. Desenvolvimento

---

Para o desenvolvimento inicial deste estudo fez-se necessário a leitura minuciosa e a análise do romance *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen. Além de tal material, foram pesquisados textos teóricos de autores que escreveram a respeito de ironia, dos críticos mais importantes de Jane Austen e de elementos históricos e sócio-culturais da época. Posteriormente, selecionamos significantes trechos da obra, analisamos o uso da ironia com base nos pressupostos teóricos dos textos levantados e, por fim, a fase final do trabalho deverá atingir o objetivo proposto nas hipóteses ressaltadas neste estudo, conforme discutiremos adiante.

A obra a ser analisada é uma versão re-elaborada de “*First Impressions*”, um trabalho inicial que foi recusado para publicação por volta de 1797. Aproximadamente em Novembro de 1812, a autora completou suas revisões da obra, fez uma cópia e vendeu o manuscrito por £ 110 à editora do Sr. Egerton o qual lucrou mais de £ 450. “Antes de Maio de 1816, *Orgulho e Preconceito* tornou-se o ‘romance da moda’ [1], de acordo com Anne Isabella Milbanke, que estava para se casar com Lord Byron”. [2] ( EDWARD COPELAND e JULIET McMASTER (org) , 1997, p. 22). Consequentemente, o

romance do qual Jane Austen tanto se orgulhava tirou-a do anonimato e transformou-a numa das mais conhecidas escritoras da literatura inglesa.

---

[1] No original: 'fashionable novel'.

[2] No original: "Before May, 1813, *Pride and Prejudice* had become the 'fashionable novel', according to Anne Isabella Milbanke, who was to marry Lord Byron".

#### 4. Resultados

---

Por tratar-se ainda de uma pesquisa em andamento, este estudo ainda não apresenta resultados finais conclusivos. Contudo, algumas hipóteses já foram levantadas.

Por ser uma observadora cuidadosa, Jane Austen identifica e zomba das falhas da sociedade burguesa da Inglaterra do início do século XIX através de seus romances. De acordo com isso, trabalharemos com a hipótese de que a autora usa a ironia como um mecanismo para chamar a atenção de seu leitor para um ponto de vista que é o objeto de sua crítica. Dentre os temas que ela critica estão o casamento por interesse, o amor à primeira vista, a hipocrisia, o status social, entre outros. De uma maneira geral, a autora ri do exarcebamento romântico dos romances de sensibilidade e aponta para um maior realismo na obra. Isso pode ser evidenciado através das palavras da própria autora, quando, antes da publicação de *Emma*, ela pede a permissão para dedicar o livro ao príncipe regente, iniciando uma correspondência com o chapelão do príncipe, James Stanier Clarke, que deveria intermediar o contato com ele. Numa das cartas, James decide ir além de seu papel de intermediário e sugere que Austen escreva um romance histórico. A isto ela responde do seguinte modo:

O senhor é muito, muito gentil em suas dicas quanto ao tipo de composição que me recomenda no presente, e tenho certeza que um romance histórico sobre a Casa de Saxe Cobourg fariam muito mais por meu lucro e popularidade do que tais retratos da vida doméstica em vilarejos no campo com os quais eu trabalho. Mas eu não conseguiria escrever tal romance mais do que conseguiria escrever um poema épico. Eu não conseguiria sentar-me seriamente para escrever um romance sério por qualquer motivo que não fosse salvar minha própria vida. E se fosse indispensável para mim continuar e nunca relaxar para rir de mim mesma ou de outras pessoas, eu estou certa de que seria enforcada antes que tivesse terminado o primeiro capítulo. Não. Eu devo ater-me a meu próprio estilo e seguir meu próprio caminho. E apesar de eu poder nunca mais ter sucesso deste modo, estou convencida de que falharia totalmente de qualquer outro.[1] (JANE AUSTEN, 1997a, p. 312, tradução de COLASANTE, 2006, p. 20)

Por fim, Jane Austen usa toda sua genialidade para provocar em seu leitor um deslocamento da história para a visão do mundo real que permeia, de certa forma, o romance de *Orgulho e Preconceito*, fazendo assim com que este leitor reflita sobre a crítica do ambiente social em questão.

---

[1] No original: "You are very, very kind in your hints as to the sort of composition which might recommend me at present, and I am fully sensible that an Historical Romance, founded on the House of Saxe Cobourg, might be much

more to the purpose of Profit or Popularity, than such pictures of domestic life in country villages as I deal in. But I could no more write a Romance than an Epic Poem. I could not sit seriously down to write a serious Romance under any other motive than to save my Life; & if it were indispensable for me to keep it up & never relax into laughing at myself or other people, I am sure I should be hung before I had finished the first Chapter. —No— I must keep to my own style and go on in my own Way; And though I may never succeed again in that, I am convinced that I should totally fail in any other”.

## 5. Considerações Finais

---

Ao analisarmos a ironia em *Orgulho e Preconceito*, podemos concluir, até o presente momento, que a autora faz uso de tal recurso não apenas como um mecanismo para chamar a atenção do leitor para um determinado aspecto da obra, mas principal e fundamentalmente para criticar a sociedade burguesa da Inglaterra do final do século XVIII e início do século XIX, evidenciando comportamentos, costumes e valores inadequados, imorais, ou antiéticos desta classe social.

## Referências Bibliográficas

---

ALBERT, Georgia. “Understanding Irony: three essays on Friedrich Schlegel”. In: **MLN**, Vol. 108, N.º 5. Comparative Literature. (Dec., 1993), p. 825-848.

AUSTEN, Jane. **Jane Austen’s Letters**, editado por Deirdre Le Faye. Oxford: Oxford University Press, 1997a.

\_\_\_\_\_. Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Laura Alves. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997b.

\_\_\_\_\_. **Pride and Prejudice**. London: Penguin Books, 1994.

BOOTH, Wayne C. **The Rhetoric of Fiction**. Chicago: The University of Chicago Press, 1973.

\_\_\_\_\_. **A Rhetoric of Irony**. Chicago: The University of Chicago Press, 1974.

BURDAN, Judith. “Mansfield Park and the Question of Irony”. In: **Persuasions: The Jane Austen Journal.**, Vol. 23, 2001, p. 197-204.

COLASANTE, Renata C. A Leitura e os Leitores em Jane Austen. 2006. FFLCH/USP: Tese de Mestrado, p. 20.

COPELAND, Edward e McMASTER, Juliet (org). **The Cambridge Companion to Jane Austen**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

- DUCKWORTH, Alistair. *Pride and Prejudice: the reconstitution of society*. In: AUSTEN, Jane; GRAY, Donald (org). **Pride and Prejudice: an authoritative text, background and sources, criticism**. New York: Norton, 2001, p. 306-315.
- HALLIDAY, E. M. "Narrative Perspective in *Pride and Prejudice*". In: **Nineteenth-Century Fiction**, Vol. 15, N.º 1. (Jun., 1960), p. 65-71.
- HUTCHENS, Eleanor N. "The Identification of Irony". In: **ELH**, Vol. 27, N.º 4. (Dec., 1960), p. 352-363.
- LE FAYE, Deirdre. **Jane Austen: the world of her novels**. New York: Harry N. Abrams Inc., 2002
- MATEO, Marta. "The Translation of Irony". In: **Meta: Journal des Traducteurs**, Vol. 40, N.º 1, 1995. p. 171-177. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/meta/1995/v40/n1/003595ar.pdf> Access in 24 mar. 2006.
- MOSES, Carole. "Jane Austen and Elizabeth Bennet: the limits of irony". In: **Persuasions: The Jane Austen Journal**, Vol. 25, 2003. p. 155-164.
- MUECKE, D. C. **Ironia e o Irônico**. Translation of Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Ed. Colibri, 1994.
- TANNER, Tony. **Jane Austen**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1986.
- WRIGHT, Andrew H. "Irony and Fiction". In: **The Journal of Aesthetics and Art Criticism**, Vol. 12, N.º 1, Special Issue on Symbolism and Creative Imagination. (Sep., 1953), p. 111-118.
- ZIMMERMAN, Everett. "Pride and prejudice in *pride and prejudice*". In: **Nineteenth-Century Fiction**, Vol. 23, N.º 1. (Jun., 1968), p. 64-73.